

## A HEGEMONIA GRAMSCIANA E SUA INFLUÊNCIA NA CULTURA E NA LITERATURA DO POVO BRASILEIRO

Adryan Bracht Juver<sup>1</sup>

Jair André Turcatto<sup>2</sup>

**Sumário: 1 INTRODUÇÃO. 2 A PROBLEMÁTICA MAIOR DAS ANÁLISES DO PASSADO. 3 CULTURA E LITERATURA. 4 ANTÔNIO GRAMSCI E A REVOLUÇÃO CULTURAL. 4.1 REVOLUÇÃO. 4.2 O MODUS OPERANDI GRAMSCIANO. 5 A DISSEMINAÇÃO DO GRAMSCISMO NO BRASIL E A ASCENÇÃO DA ESQUERDA. 6 CONCLUSÃO. REFERÊNCIAS.**

**Resumo:** O trabalho busca contemplar a situação atual que se encontra latente no Brasil, seja no campo econômico, político ou cultural, e entregar uma resposta eficiente sobre a origem de tais problemas, analisando o ponto de início de todo este processo, bem como os elementos que se sucederam e culminaram em tudo que vivemos hoje. A reação instintiva do ser humano de analisar seu presente através de uma busca no passado e o porquê de isso, às vezes, não produzir bons resultados. A real aplicação da doutrina gramsciana no Brasil, sua infiltração na alta cultura do povo, a ascensão de seu pensamento e, também, a queda.

**Palavras-chave:** Cultura; Gramsci; Hegemonia; Esquerda.

### 1 INTRODUÇÃO

Parece ser, de certa forma, um pouco complexo - muito eufemisticamente falando - falar sobre o quadro deplorável em que nossa nação se encontra, no campo cultural, econômico, ou seja, lá qual for, *whatever*. E essa dificuldade se apresenta como um adversário natural e aparente para todos que, em seu íntimo, alimentem um desejo de aprofundar os estudos nesse campo.

E talvez esse seja o problema. Porquanto a relevância desse assunto seja latente - é possível afirmar, sem o temor de cair na leviandade, que é da maior importância -, sua complexidade inerente acaba por afastar os menos entusiastas, e estes ignoram tais questões como se não lhes dissesse respeito. Ledo engano. A ignorância de um povo sobre o funcionamento do sistema faz com que este povo seja, cada vez mais, parte do sistema. Um boneco, uma marionete. Entretanto, em escala muito maior.

Todo indivíduo que encare a questão cultural como subsidiária, de menor importância, está terminantemente fadado a viver de acordo com as regras e

---

<sup>1</sup> Aluno do Curso de Graduação em Direito pelo Centro Universitário FAI. E-mail: adryan.juver@outlook.com.

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia e Sociologia pela Universidade Gama Filho do Rio de Janeiro. Professor do Centro Universitário FAI. E-mail: jair@seifai.edu.br.

Núcleo de Pesquisa e Extensão do Curso de Direito – NUPEDIR  
X MOSTRA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA (MIC-DIR)  
7 de novembro de 2017

determinações daqueles que entendem a sua relevância e, mais, sabem usá-la de modo que lhes favoreça. Não é incomum - pelo contrário, é muito recorrente -, que as pessoas reneguem a cultura como sendo algo sem relevante valor, não merecendo, por consequência, a atenção de tão brilhantes cognições. A fase última de seu discurso é a afirmação de que a cultura é subsidiária à política. Ora, é justamente o contrário. A política não se molda por si própria. Ela é resultado de diversas outras questões, principalmente a cultura e a literatura - essa afirmação será explicada mais adiante.

Sendo assim, uma análise prévia que se pode fazer, com base única nessas afirmações, é que a cultura não só é mais importante que a política, visto que a primeira é a base da segunda, como também, é um ramo de estudo dos mais profundos e complexos, donde as palavras expelidas pelos autores possuem um poder de reverberação indizível, sendo capazes de mudar os rumos de uma nação, seja para coloca-la nos ventos certos, ou para lhe golpear com tanta força que a deixe desnordeada - e, ainda, sem saber o que a atingiu.

Um povo que está desprovido do seu maior poder, a cultura, será, inevitavelmente, um alvo fácil para ataques externos, pois está indefeso, deixado a própria sorte, e é quase impossível que esboce algum tipo de reação; pelo contrário, provavelmente aceitará tudo quanto lhe for imposto - se a manipulação for feita da maneira correta, claro. Mais para o final do século XX, surgiram pensadores que entenderam essa problemática, e souberam instruir seus seguidores a tirar vantagem de uma situação como essa. Suas práticas serão abordadas no decorrer desse texto.

## **2 A PROBLEMÁTICA MAIOR DAS ANÁLISES DO PASSADO**

Quando alguém se depara com uma situação estranha, incomum ou inusitada, é fato certo que ele irá, por uma reação quase automática, procurar, nos acontecimentos recentes, algo que seja capaz de explicar os fatos que se sucederam e resultaram naquilo que está diante de seus olhos. Agora, basta que se imagine isso em uma escala nacional (ou até internacional) para que se possa

Núcleo de Pesquisa e Extensão do Curso de Direito – NUPEDIR  
X MOSTRA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA (MIC-DIR)  
7 de novembro de 2017

compreender o principal método usado pelos homens para compreender seu presente: olhar o seu passado.

E esse olhar que é dirigido àqueles que já não estão mais entre nós, geralmente se dá de uma maneira superficial e até fantasiosa, reduzindo toda a essência da vida de grandes personagens históricos a pequenos grãos de areia, meros fantoches e marionetes, que seriam incapazes de pensar e exprimir emoções da mesma maneira que nós o fazemos. Em suma, excluimos aquilo que não nos interessa, e recriamos toda a imagem do sujeito de um modo puramente unilateral, buscando satisfazer nossas vontades, e esquecendo, assim, da asseveração óbvia de que todos eles eram seres humanos, e, portanto, em suas épocas, eram compreendidos do mesmo jeito que compreendemos a nós mesmos, atualmente. Sendo assim, até onde uma conclusão tirada neste cenário poderia ser válida?<sup>3</sup> O professor e filósofo Olavo de Carvalho também explica:

Por mais perfeita, científica ou realista que se pretenda a nossa reconstituição do passado, ela não chega jamais senão a fazer dele um espetáculo, algo que vemos e que não nos vê. Os mortos estão para sempre excluídos do diálogo, são os excluídos por excelência. [...] . Eles são os objetos inermes de nossa paixão de ver sem sermos vistos, que em última instância é a paixão de julgar sem ser julgado. Esta paixão recebe em nossos tratados e teses universitárias o nome dignificante de objetividade. É talvez a maior mentira desde o começo do mundo.<sup>4</sup>

Tendo esta questão já estabelecida, pode-se avançar para o próximo passo, e ressaltar o quão difícil é referenciar ideias e concepções para determinado sujeito, sem falsamente lhe atribuir a autoria de algo que o próprio sujeito jamais concebeu, durante o tempo que passou em vida. E esta dificuldade se dá, em grande parte, pela inexplicável paixão do ser humano de rotular ideias de nossos antepassados de acordo com conceitos atuais, submetê-los ao seu julgamento, como se o nosso tempo fosse uma “era de ouro”, capaz de avaliar e sentenciar as atitudes de todos os que não tiveram a grande honra de fazer parte dela; em outras palavras, estamos criando algo parecido com um tribunal histórico, que julga tudo e todos, onipresente

---

<sup>3</sup> CARVALHO, Olavo de. **O futuro do pensamento brasileiro**: estudos sobre o nosso lugar no mundo. 4. ed. Campinas, SP: Vide Editorial, 2016. p.82.

<sup>4</sup> Ibid. p. 81.

Núcleo de Pesquisa e Extensão do Curso de Direito – NUPEDIR  
X MOSTRA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA (MIC-DIR)  
7 de novembro de 2017

e onipotente. Nenhuma ideia ou mero pensamento terá o mínimo valor intelectual se não passar pelo crivo desse tribunal.<sup>5</sup>

“Seja na educação, seja na imprensa, seja nos debates ideológicos, seja na linguagem cotidiana, não nos referimos ao passado da humanidade senão como a algo do qual se deve fugir o mais rápido possível, [...]”<sup>6</sup> De fato, não é nem um pouco leviana a afirmação de que, por muitas vezes, o passado é visto como algo a ser esquecido, uma sucessão incontável de erros que devem ser superados com urgência, para que se possa alcançar um futuro totalmente avulso daquele, e sem repetir gafes históricas já cometidas por aqueles que estiveram aqui antes de nós. Enganam-se plenamente aqueles que pensam desta forma. Não só pelo fato de que não é possível que haja um futuro desconectado do passado, como também pela constatação de que o melhor meio para se ter alguma chance de prever os acontecimentos do futuro, é olhando aquilo que aconteceu anteriormente, e o que acontece nesse exato momento.

### 3 CULTURA E LITERATURA

“Nada está na realidade política de um país se não estiver primeiro em sua literatura”.<sup>7</sup>

Em última análise, política e economia são estritamente conectadas com a literatura. Parece uma afirmação um tanto quanto ousada, ou até leviana, mas que pode ser comprovada com o uso de um grande exemplo histórico: a URSS.

“Em comparação com a grande cultura nacional do período, a contribuição do movimento comunista russo consistiu sumariamente em rebaixar tudo ao nível de um automatismo dialético miserável, quando não da pura literatura de propaganda.”<sup>8</sup> De certa forma, se conclui que, enquanto a economia russa andava de vento em popa nos anos que antecederam o advento do comunismo em suas terras, a

<sup>5</sup> CARVALHO, Olavo de. **Consequências Éticas e Políticas da Exclusão dos Mortos**. In: \_\_\_\_\_. O Futuro do Pensamento Brasileiro: estudos sobre o nosso lugar no mundo. 4. ed. Campinas, SP: Vide Editorial, 2016. p. 87-90.

<sup>6</sup> CARVALHO, Olavo de. **O Futuro do Pensamento Brasileiro**: estudos sobre o nosso lugar no mundo. 4. ed. Campinas, SP: Vide Editorial, 2016. p. 85.

<sup>7</sup> BASSO, Ricardo Alves ; NUCCI, Miriam. **Hospital da alma**. São Paulo, SP: [s.n], 2016. p. 80.

<sup>8</sup> CARVALHO, Olavo de. **A Nova Era e a Revolução Cultural**: Fritjof Capra e Antonio Gramsci. 4. ed. Campinas, SP: Vide Editorial, 2014. p. 197.

---

Núcleo de Pesquisa e Extensão do Curso de Direito – NUPEDIR  
X MOSTRA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA (MIC-DIR)  
7 de novembro de 2017

literatura já mostrava sinais indicativos de que algo estava por vir, mas ninguém soube interpretá-los. A alta cultura do povo russo foi espancada, reduzida em simples questões triviais ou até usada para propagar o regime que se seguiu. A história mostra que sua economia acabou seguindo o mesmo caminho, despencando em níveis assustadores e reduzindo brutalmente a qualidade de vida da população.

Este é, provavelmente, o exemplo mais clássico que se pode dar. Estando essa questão esclarecida, é possível seguir adiante e trazer uma das principais consequências que uma interferência generalizada na literatura pode trazer para determinado povo. Basicamente, a redução da alta cultura à níveis incrivelmente baixos tem, por consequência, a progressiva perda da identidade dos indivíduos, tirando-lhes traços essenciais que caracterizavam seu íntimo e o diferenciavam dos demais. Por uma questão lógica, isso implica na falta de consciência individual, que seria imediatamente suplantada pela consciência coletiva, moldada e adequada aos padrões desejados por aqueles que comandam a revolução cultural. Quando uma nação inteira perde sua identidade, o mesmo acontecerá com aquilo que ela toma como sendo real, plausível. E esse é exatamente o próximo passo. A própria distinção entre aquilo que é uma verdade objetiva e o que é falso será substituída por algo diverso, que é, em suma, a concepção de que não há ideia falsa e ideia verdadeira, e todas serão tão somente “ideias do seu tempo”.<sup>9</sup>

A literatura, encarada também como uma das expressões da alta cultura de um povo, leva, em seu bojo, uma descrição exata e precisa daqueles que a consomem. Conquanto ela seja uma forma simples e eficiente de avaliar com maestria o sujeito que com ela está relacionado, também é um dos meios de defender a própria identidade do mesmo, e o guia primário *sui generis* de toda a sua existência. Logo, pode ser utilizada para fins diversos, de acordo com a vontade daqueles que ditam as regras.<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> Ibid. p. 89-92.

<sup>10</sup> CONSTANTINO, Rodrigo. A Revolução Cultural Socialista. **Instituto Millenium**. Disponível em: <<http://www.institutomillenium.org.br/artigos/a-revolucao-cultural-socialista/>>. Acesso: 23 set. 2017.

## 4 ANTÔNIO GRAMSCI E A REVOLUÇÃO CULTURAL

Uma breve análise dos principais fatos ocorridos no século XX resultaria em uma conclusão lógica, quase simplória: todas as principais lutas ocorridas naquele período se deram por aspectos revolucionários. E as revoluções, à época, ocorriam por meio das guerrilhas, violentas tentativas de subjugar determinado povo ao seu regime, seja ele qual fosse - nazismo, fascismo, socialismo, etc.<sup>11</sup>

Ademais, esses movimentos, por sua violência característica, encontravam forte resistência da população e do próprio governo, protagonizando lutas armadas e sangrentas que, mesmo se tiverem sucesso, acabavam por criar uma forte resistência da população ao novo regime. E, sem o apoio popular, é impossível que este se mantenha de forma plena.

Ademais, para que se possa ter uma compreensão melhor daquilo que está sendo tratado aqui, é importante fazer uma breve classificação e conceituação do termo “revolução”, cujo significado real foi se perdendo com o decorrer dos anos, maculado principalmente no meio acadêmico, local em que acabou sendo mais descaracterizado.

### 4.1 REVOLUÇÃO

Como acontece também com várias outras coisas, o próprio sentido da palavra foi se dissimulando como algo que não é, até que, inevitavelmente, chegou um ponto em que o seu real significado se tornou quase desconhecido por vários daqueles que utilizam o termo. O conceito de “revolução” foi banalizado, transformado em algo vil, como se qualquer insurgência realizada por um punhado de sujeitos fosse em si um movimento revolucionário. Obviamente que está muito longe de ser. Em verdade, um movimento só pode ser tratado como revolucionário se tiver o desejo de transcender simples limitações geográficas e se impor ao mundo inteiro. Uma revolução, por definição, sempre deseja ter sob sua influência todo e qualquer sujeito vivo. Os revolucionários, no alto de suas convicções e dogmas

---

<sup>11</sup> MEIRA PENNA, J. O. de. **A Ideologia do Século XX**: ensaios sobre o nacional-socialismo, o marxismo, o terceiro-mundismo e a ideologia brasileira. 2. ed. Campinas, SP: Vide Editorial, 2017. p. 137.

Núcleo de Pesquisa e Extensão do Curso de Direito – NUPEDIR  
X MOSTRA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA (MIC-DIR)  
7 de novembro de 2017

utópicos, são aqueles que pretendem, via de regra, se proclamar como os seres soberanos de toda e qualquer sociedade, exercendo poder ilimitado sobre seus súditos e com capacidade plena de submeter todos ao seu crivo divino.<sup>12</sup>

O critério distintivo suficiente para eliminar todas as hesitações e equívocos é sempre o mesmo: com ou sem violência insurrecional ou governamental, com ou sem discursos de acusação históricos e matança geral dos adversários, uma revolução está presente sempre que esteja em ascensão ou em curso de implantação um projeto de transformação profunda da sociedade, se não da humanidade inteira, por meio da concentração de poder.<sup>13</sup>

Tendo esta acepção como um ponto basilar, é possível correr os olhos sobre a linha do tempo do século XX, e constatar que, de fato, os movimentos revolucionários estiveram presentes em vários de seus períodos. E uma parte de tudo isso culminou por trazer efeitos reflexos aos tempos atuais, em que ainda se percebe um desejo revolucionário presente em certos pontos da sociedade. A principal diferença, entretanto, é o modo de se intentar uma revolução, que não é mais por meio da força bruta, mas sim de uma maneira muito mais engenhosa, que foi trazida e apresentada ao mundo pelas mãos de um ideólogo italiano, Gramsci.<sup>14</sup>

#### 4.2 O MODUS OPERANDI GRAMSCIANO

“O segredo é da natureza mesma do poder’, dizia René Guénon.”<sup>15</sup>

É quase um lugar-comum, para a maioria das grandes massas, encarar todos os problemas presentes em determinado local como sendo decorrentes de coisas imediatistas - decisões aleatórias de algum governo, por exemplo -, e ignorar ou ridicularizar a mais simples ideia que sugira o contrário. É esse um dos motivos que tornam a cultura e a literatura tão poderosos: aqueles que entendem o seu real poder estão habilitados para fazer com que os outros ajam de acordo com suas

<sup>12</sup> CARVALHO, Olavo de. **O Mínimo Que Você Precisa Saber Para Não Ser Um Idiota**. 25. ed. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2017. pg. 159-160.

<sup>13</sup> Ibid. p.161.

<sup>14</sup> KIMBALL, Linda. O Marxismo Cultural no Brasil e a Revolução Cultural de Antonio Gramsci. **Jusbrasil**. Disponível em: <<https://viniciusargenton.jusbrasil.com.br/artigos/195131092/o-marxismo-cultural-no-brasil-e-a-revolucao-cultural-de-antonio-gramsci>>. Acesso: 20 set. 2017.

<sup>15</sup> CARVALHO, Olavo de. **O Mínimo Que Você Precisa Saber Para Não Ser Um Idiota**. 25. ed. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2017. p. 170.



Núcleo de Pesquisa e Extensão do Curso de Direito – NUPEDIR  
X MOSTRA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA (MIC-DIR)  
7 de novembro de 2017

vontades, sem nem mesmo saberem disso - e, melhor ainda, reagindo com uma raiva desenfreada sempre que alguém tenta lhe abrir os olhos. Quanto menos alguém souber sobre alguma coisa, mais fácil será fazer com que a aceite. Essa é uma das regras fundamentais, que certas pessoas entenderam. Entre elas, está Antônio Gramsci.

A obra de Gramsci, grande parte escrita enquanto o autor se encontrava trancafiado em uma cela da Itália fascista - por ordens de Mussolini, claro -, é um marco na história. Suas ideias e concepções chegariam para mudar radicalmente a maneira de fazer uma revolução. O italiano observara a queda da URSS, e identificara as razões desse colapso. Segundo ele, a violência empregada pelos comunistas contra a população acabou resultando - como, por óbvio, não poderia deixar de ser -, em uma forte resistência desta para com o sistema. Uma vez que o sistema não possui apoio das grandes massas, seu destino está selado, e ele está condenado a fracassar, mais cedo ou mais tarde.<sup>16</sup>

Partindo dessa constatação, é possível ter, pois, uma conclusão lógica: ora, se um sistema sem apoio popular está fadado ao fracasso, é plausível aferir que uma das formas de sucesso na sua implantação é conseguir esse apoio. Sim, é tão óbvio que pode parecer trivial. Entretanto, Gramsci mostrou ao mundo como seria o melhor jeito de conseguir esse apoio, e qual seria o momento exato para agir.

“Gramsci transformou a estratégia comunista, de um grosso amálgama de retórica e força bruta, numa delicada orquestração de influências sutis.”<sup>17</sup> Enquanto testemunhava o fracasso da URSS, Gramsci expressava todo o seu desprezo pela abordagem violenta de Stalin, Lenin e os demais. Para ele, o movimento revolucionário deveria ser sutil, leve, camuflado a tal ponto que quase não seria possível identificar se existe, de fato, alguma coisa ou se todas essas teorias não passariam de meros devaneios e divagações.<sup>18</sup>

O ponto chave da teoria gramsciana é a medida de resistência das massas para com o sistema que se planeja implantar. Essa resistência deveria ser reduzida até algo próximo da nulidade, pelos mais diversos meios possíveis, e uma das

<sup>16</sup> CONSTANTINO, Rodrigo. A Revolução Cultural Socialista. **Instituto Millenium**. Disponível em: <<http://www.institutomillenium.org.br/artigos/a-revolucao-cultural-socialista/>>. Acesso: 23 set 2017.

<sup>17</sup> CARVALHO, Olavo de. **A Nova Era e a Revolução Cultural**: Fritjof Capra e Antonio Gramsci. 4. ed. Campinas, SP: Vide Editorial, 2014. p. 56.

<sup>18</sup> Ibid. p. 57.



Núcleo de Pesquisa e Extensão do Curso de Direito – NUPEDIR  
X MOSTRA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA (MIC-DIR)  
7 de novembro de 2017

formas mais eficientes de se obter esse resultado é, como já dito antes, a literatura. Esta pode ser considerada, muito acertadamente, um dos pilares da identidade de um povo. Tirar essa identidade significa deixar órfãos todos aqueles que dependiam dela, e eles, inevitavelmente, começarão a perder a própria consciência individual, tornando-se mera massa de manobra, incapazes de reagir por conta própria a qualquer coisa que seja. Tornam-se dóceis, receptíveis a qualquer regime que o governante queira instaurar, desde que ele o faça da maneira correta.<sup>19</sup>

Uma vez que o campo intelectual estiver completamente cercado, o líder revolucionário estará muito mais perto de atingir seu objetivo final, pois terá conseguido aquilo que é mais difícil de se obter, o suprasumo de qualquer ideologia: a hegemonia para com a população. Para que se tenha, de fato, um regime eficaz e desprovido de resistência por parte do seu povo, é necessário que o governante possua o controle e a hegemonia, sistematizados de uma maneira minimalista, em harmonia perfeita.<sup>20</sup>

Em suma, a hegemonia é a subjugação das massas no campo intelectual e cultural, inserindo-as em uma bolha, de onde não serão capazes de sair por conta própria, pelo simples fato de que não saberão que ela existe - e, se desconfiarem, ainda se recusarão a acreditar -. Por outro lado, o controle representa a dominação exercida pelo aparelhamento estatal, trabalhando aos olhos de todos, seja no aspecto político, econômico ou algum outro. Uma harmonia perfeita entre os dois, representa a definição máxima e irretocável de poder, algo que não será tão facilmente combatido e terá autonomia para durar o tempo que for, se bem aplicado - e mais, sem haver a necessidade de disparar um único tiro.<sup>21</sup>

<sup>19</sup> ROTHBARD, Murray N. Progressistas, reacionários, histeria e a longa marcha gramsciana. **Mises Brasil**. Disponível em: <<http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=1292>>. Acesso: 24 set. 2017.

<sup>20</sup> AGUIAR, Letícia Carneiro. Intelectuais e Revolução Cultural no Pensamento de Antonio Gramsci. **POIÉSIS - REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO - UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA**. Unisul, Tubarão, v. 7, n. 13, p. 430 - 444, Jun./Dez. 2013. Disponível em: <<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/article/view/1834/1317>>. Acesso: 23 set. 2017.

<sup>21</sup> CARVALHO, Olavo de. **A Nova Era e a Revolução Cultural**: Fritjof Capra e Antonio Gramsci. 4. ed. Campinas, SP: Vide Editorial, 2014. p. 57-58.

## 5 A DISSEMINAÇÃO DO GRAMSCISMO NO BRASIL E A ASCENSÃO DA ESQUERDA

Falando agora especificamente de situações ocorridas em terras tupiniquins, há que se destacar algumas coisas. Primeiro: a falta de esforço dos militares em criar um governo popular, à época do seu regime, fez com que grande parte da população acabasse alimentando um sentimento de animosidade para com este. Segundo: o fim do dito regime criou um vácuo de poder, imediatamente preenchido pela ideologia esquerdista, ensinada pelas teorias de Gramsci, que logo trataram de estabelecer suas ideias e concepções em nosso país. Isso, somado à falta de uma oposição direitista eficiente, resultou em uma hegemonia completa do pensamento esquerdista, ficando, este, totalmente enraizado na cultura do povo brasileiro.<sup>22</sup>

“O total domínio da cultura por uma corrente política, qualquer que seja, constitui já um mal em si.”<sup>23</sup> De fato, a exclusão do contraditório é um problema grave em qualquer sociedade, e há de ser urgentemente combatido. Não há outro modo eficiente de manter a humanidade em constante progresso se não a dicotomia entre dois opostos. Direita e esquerda. A falta de um deles acarreta, por reflexo, na ruína do outro. Nenhum pode funcionar como deve se não houver a sombra do outro em suas costas, esperando sua fragilidade para tomar-lhe o poder.<sup>24</sup>

E, como era de se imaginar, o confronto entre os dois opostos, no Brasil, foi definido pelas regras ditadas pelos gramscianos. “A luta pela hegemonia não se resume apenas ao confronto formal das ideologias, mas penetra num terreno mais profundo, que é o daquilo que Gramsci denomina – dando ao termo uma acepção peculiar – ‘senso comum’ “. <sup>25</sup>

Assim, os ideais da esquerda foram se difundindo entre uma enorme parte da população, penetrando na linguagem das pessoas, em coisas tão simples quanto automáticas de se fazer, resultando na formação de uma cultura padronizada,

---

<sup>22</sup> CARVALHO, Olavo de. **A Nova Era e a Revolução Cultural**: Fritjof Capra e Antonio Gramsci. 4. ed. Campinas, SP: Vide Editorial, 2014. p. 142-144.

<sup>23</sup> Ibid. p. 201.

<sup>24</sup> CONSTANTINO, Rodrigo. A Revolução Cultural Socialista. **Instituto Millenium**. Disponível em: <<http://www.institutomillenum.org.br/artigos/a-revolucao-cultural-socialista/>>. Acesso: 23 set 2017.

<sup>25</sup> CARVALHO, Olavo de. **A Nova Era e a Revolução Cultural**: Fritjof Capra e Antonio Gramsci. 4. ed. Campinas, SP: Vide Editorial, 2014. p. 59.

Núcleo de Pesquisa e Extensão do Curso de Direito – NUPEDIR  
X MOSTRA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA (MIC-DIR)  
7 de novembro de 2017

totalmente de acordo com aquilo que os seus mentores esperavam. E, ainda, quanto mais o sujeito esbravejava contra a ideia de que pudesse estar agindo de acordo com esse sistema, mais ele acabava contribuindo para o mesmo. A recusa de enxergar é, às vezes, o pior tipo de cegueira.<sup>26</sup>

Entretanto, alguns podem responder que o senso comum não é algo que faz parte da guerra cultural. Pois bem, esta é exatamente a questão. Em regra, ele não possui uma identidade cultural própria, sendo apenas o resultado de uma miscigenação de tradições e dogmas de várias culturas e ideologias distintas. Mas, se for usado de modo a favorecer algum dos lados, terá um poder enorme, levando em conta o seu alcance extremamente longo. Com isso, é possível atingir uma grande parcela da população.<sup>27</sup>

Os esquerdistas compreenderam tudo isto. Os direitistas, não. Enquanto os ativistas de esquerda possuíam paciência e esperteza suficientes para agir de modo inteligente, conquistando um pouco de terreno de cada vez, os direitistas desejavam abraçar o mundo em apenas um dia. Incapazes de assimilar as minúcias que cercam uma guerra cultural, limitavam-se a atestar a demência mental de todos aqueles que sugeriam uma abordagem diferente, preferindo se focar na questão da economia. Este se tornou o pilar da ação direitista no país, a imaginação de lutar pelo livre mercado, fazendo deste o fim último de suas vidas, e, com isso, exaltando suas próprias opiniões, como se o país inteiro devesse lhes venerar pelos (des)serviços prestados, quando, em verdade, todos estavam apenas beneficiando a doutrina esquerdista.<sup>28</sup>

## 6 CONCLUSÃO

É forçoso reconhecer (e quase impossível dizer o contrário) que, em termos de estratégia e organização, a esquerda sempre foi extremamente superior à direita.

<sup>26</sup> MEIRA PENNA, J. O. de. **A Ideologia Pós-1988 no Brasil**. In: \_\_\_\_\_. A Ideologia do Século XX: ensaios sobre o nacional-socialismo, o marxismo, o terceiro-mundismo e a ideologia brasileira. 2. ed. Campinas, SP: Vide Editorial, 2017. p. 187-205.

<sup>27</sup> CARVALHO, Olavo de. **A Nova Era e a Revolução Cultural**: Fritjof Capra e Antonio Gramsci. 4. ed. Campinas, SP: Vide Editorial, 2014. p. 60-61.

<sup>28</sup> CARVALHO, Olavo de. **Perdendo a Guerra Cultural**. In: \_\_\_\_\_. A Nova Era e a Revolução Cultural: Fritjof Capra e Antonio Gramsci. 4. ed. Campinas, SP: Vide Editorial, 2014. p. 203-206.

Núcleo de Pesquisa e Extensão do Curso de Direito – NUPEDIR  
X MOSTRA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA (MIC-DIR)  
7 de novembro de 2017

Enquanto estes parecem incapazes de entender que existem coisas mais importantes que a luta por um livre-mercado ou contra a disseminação de guerrilhas minúsculas e quase insignificantes, aqueles, por outro lado, possuem concepções bem claras sobre todos os aspectos mais profundos de uma guerra cultural. Uma das provas mais contundentes deste fato é o uso que a esquerda soube fazer do senso comum, o ensinamento máximo da doutrina gramsciana. Usar o senso comum ao seu favor garante uma hegemonia incrivelmente poderosa, capaz de penetrar nos aspectos mais simples e corriqueiros da vida particular de cada indivíduo.

Entretanto, cabe o adendo para o fato de que, além de possuir uma hegemonia cultural, aquele que desejar sair vencedor desse conflito também precisa obter uma hegemonia intelectual, que é de suma importância para guiar o povo após este se encontrar sob a influência dessa doutrina. E isso, analisando em termos nacionais (atualmente), ninguém possui.

Historicamente, a direita brasileira sempre foi um arremedo de ideias dispersas e soluções mágicas - tão mirabolantes quanto fantasiosas -, e permanece assim até hoje, sem sinais aparentes de melhora. Porém, aparentemente, a esquerda acabou se embrenhando pelo mesmo caminho, perdendo seus principais líderes intelectuais - aqui o termo intelectual é usado no seu sentido *stricto sensu*, não com a aplicação que lhe foi dada por Gramsci, muito mais aberta e ampla -, o que lhes custou a perda desta hegemonia, restando somente a dominação cultural, essa, sim, ainda muito presente no nosso país. Então, temos um quadro bastante peculiar, em que um dos lados está muito debilitado, e o outro não existe.

O resultado disso é algo semelhante com uma anarquia cultural. Nosso país caminha às cegas, desorientado e sem rumo após a sucessão de todos esses acontecimentos. A prova de que a revolução cultural gramsciana foi extremamente bem implantada, é o simples fato de que ela subsistiu com a queda da sua representação ideológica na política nacional. Entretanto, sem líderes que sejam capazes de guia-la, ela permanece inerte, não pode agir por si mesma, sendo, portanto, inútil ao fim primário para que foi concebida, tendo servido, somente, para destruir e desmoralizar a alta cultura do nosso país, até um ponto que seria

Núcleo de Pesquisa e Extensão do Curso de Direito – NUPEDIR  
X MOSTRA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA (MIC-DIR)  
7 de novembro de 2017

inconcebível algumas décadas atrás. O futuro do Brasil, principalmente do seu pensamento, é incerto e, por mais que seja temerário assumir, assustador.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Letícia Carneiro. Intelectuais e Revolução Cultural no Pensamento de Antonio Gramsci. **POIÉSIS - REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO - UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA**. Unisul, Tubarão, v.7, n.13, p.430 - 444, Jun/Dez 2013. Disponível em: <<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/article/view/1834/1317>>. Acesso: 23 set. 2017.

BASSO, Ricardo Alves; NUCCI, Miriam. **Hospital da Alma**. São Paulo, SP: [s.], 2016.

CARVALHO, Olavo de. **O Futuro do Pensamento Brasileiro**: estudos sobre o nosso lugar no mundo. 4. ed. Campinas, SP: Vide Editorial, 2016.

\_\_\_\_\_. **A Nova Era e a Revolução Cultural**: Fritjof Capra e Antonio Gramsci. 4. ed. Campinas, SP: Vide Editorial, 2014.

\_\_\_\_\_. **O Mínimo Que Você Precisa Saber Para Não Ser Um Idiota**. 25. ed. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2017.

CONSTANTINO, Rodrigo. A Revolução Cultural Socialista. **Instituto Millenium**. Disponível em: <<http://www.institutomillennium.org.br/artigos/a-revolucao-cultural-socialista>>. Acesso: 23 set. 2017.

IORIO, Ubiratan Jorge. A falsa panaceia das “soluções políticas”. **Mises Brasil**. Disponível em: <<http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=1669>>. Acesso: 24 set. 2017.

KIMBALL, Linda. O Marxismo Cultural no Brasil e a Revolução Cultural de Antonio Gramsci. **Jusbrasil**. Disponível em: <<https://viniusargenton.jusbrasil.com.br/artigos/195131092/o-marxismo-cultural-no-brasil-e-a-revolucao-cultural-de-antonio-gramsci>>. Acesso: 20 set. 2017.

MEIRA PENNA, J. O. de. **A Ideologia do Século XX**: Ensaios Sobre o Nacional-Socialismo, o Marxismo, o Terceiro-Mundismo e a Ideologia Brasileira. 2. ed. Campinas, SP: Vide Editorial, 2017.

ROTHBARD, Murray N. Progressistas, reacionários, histeria e a longa marcha gramsciana. **Mises Brasil**. Disponível em: <<http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=1292>>. Acesso: 24 set. 2017.